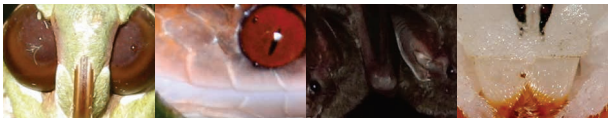
Ano XXXV – Número 107 – Curitiba, dezembro de 2013 – ISSN 1808-0812

SOCIEDADE BRASILEIRA DE



ZOOLOGIA

EDITORIAL

O fim do ano sempre sugere uma retrospectiva e uma avaliação do que foi feito e em que podemos melhorar. Nos parece que para a Zoologia brasileira o saldo é positivo. Várias das propostas iniciadas por esta diretoria estão em pleno andamento. O Catálogo da Fauna Brasileira foi considerado uma atividade prioritária pelo Ministério do Meio Ambiente em conjunto com o Ministério da Ciência Tecnologia e Inovação e a primeira versão on-line deverá estar finalizada em outubro de 2014 quando deverá ser apresentada na reunião da COP-CDB na Coreia. O processo de publicação de guias e manuais no formato e-book está em andamento, com três propostas selecionadas e em fase de correção, com publicação prevista para o primeiro semestre de 2014. Novo edital deverá ser lançado em março de 2014. A proposta da diretoria em relação à modificação das áreas do conhecimento representadas no Comitê Assessor do CNPq foi acatada e foram indicados representantes da Ictiologia e Invertebrados não insetos. Esperamos ver a manutenção deste tipo de rodízio nas próximas trocas de representantes.

Outra reivindicação antiga da área era a alocação de recursos para as coleções científicas. E tivemos tanto em 2012 como em 2013 editais abertos direcionados a esse fim.

A excelência da pesquisa em Zoologia no Brasil também fez-se reconhecer durante a avaliação trienal dos Programas de Pós Graduação pela CAPES, com a atribuição da nota 6 a cinco programas (de norte a sul): Zoologia – USP, São Paulo, Entomologia – USP, Ribeirão Preto, Biologia Animal – UNESP, São José do Rio Preto, Entomologia – UFPR e Zoologia – PUCRS. Parabéns pelo esforço coletivo que têm mostrado, tanto para a comunidade científica brasileira como internacional, a riqueza da diversidade faunística brasileira e a importância de sua conservação.

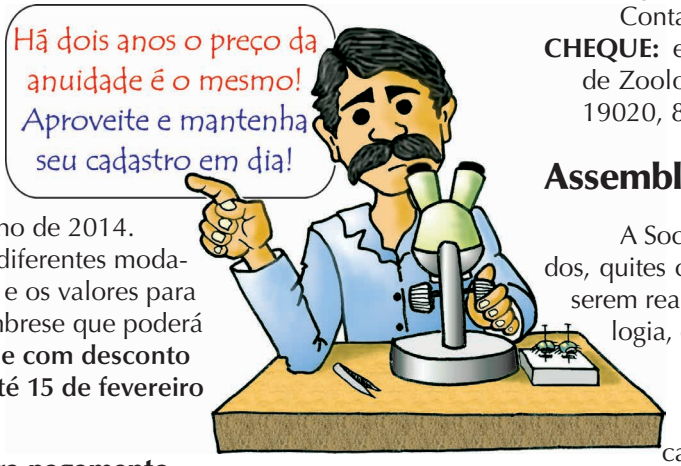
Olhando para o futuro, em breve nos encontraremos em Porto Alegre para mais uma edição do Congresso Brasileiro de Zoologia. A Comissão Organizadora está trabalhando muito para o sucesso deste encontro e a amplitude de temas abordados na programação, que pode ser encontrada online em http://cbz2014.com.br, é um testemunho deste empenho. Além do conhecimento adquirido a partir das atividades científicas, a oportunidade de encontrar colegas de todos os estados e de iniciar novas colaborações profícuas é imperdível.

Nesta edição apresentamos uma entrevista com o Dr. Ubirajara Martins, reconhecido entomólogo estudioso dos coleópteros, um artigo apresentando novas espécies de morcegos que foram recentemente descritas em homenagem ao Dr. Adriano Peracchi e um artigo sobre a garça-vaqueira, animal bastante conhecido que, entretanto, se trata de uma espécie introduzida no país apenas no século XIX. Desejamos a todos boa leitura e um novo ano repleto de realizações e colaborações!

Profa. Dra. Rosana Moreira da Rocha
Presidende da Sociedade Brasileira de Zoologia

NOTÍCIAS

Anuidade 2014 da SBZ com preço de 2013



Por decisão unânime da Diretoria da SBZ, foi determinada a manutenção dos valores atuais da anuidade para o ano de 2014. Confira abaixo as diferentes modalidades de filiação e os valores para sua anuidade. Lembrese que poderá pagar sua **anuidade com desconto adicional de 5% até 15 de fevereiro de 2014**.

Valores 2014 para pagamento até 15/02/2014 (com desconto de 5%):

1) **R$ 190,00: sócio-padrão** – recebe publicações impressas;
2) **R$ 152,00: sócio-online** – acesso às publicações somente pela SciELO (www.scielo.br/zool);
3) **R$ 95,00: sócio-vinculado** – para sócios quites de sociedades vinculadas ao Fórum das Sociedades na área de Zoologia (necessário encaminhar comprovante de quitação da anuidade 2014 junto à Sociedade de origem – acesso às publicações da SBZ somente pela SciELO);
4) **R$ 95,00: sócio-estudante** – para estudantes de graduação ou pós-graduação (necessário envio de comprovante de vínculo estudantil – acesso às publicações somente pela SciELO).
5) **R$ 250,00:** assinaturas pessoa jurídica.

Valores após 15 de fevereiro:

– sócio-padrão: R$ 200,00
– sócio-online: R$ 160,00
– sócio-estudante: R$ 100,00
– sócios de sociedades vinculadas ao Fórum das Sociedades na área de Zoologia: R$ 100,00
– assinaturas pessoa jurídica: R$ 250,00

Caso deseje alterar sua modalidade de filiação, basta efetuar o pagamento na modalidade desejada que a alteração será efetuada automaticamente na atualização de seu cadastro. Tendo dificuldades, basta nos comunicar por e-mail (tesouraria@sbzoologia.org.br).

Formas de pagamento:

BOLETO BANCÁRIO: pode ser obtido na Guia Extranet em www.sbzoologia.org.br ou solicitado por email. Nesta modalidade de pagamento há acréscimo de R$ 5,30 relativo às taxas bancárias.

DEPÓSITO BANCÁRIO: isento de taxas bancárias, no entanto, para registro é imprescindível o envio de cópia do comprovante de depósito por e-mail ou pelo fax (413266-6823).

Dados para depósito:
Favorecido: Sociedade Brasileira de Zoologia
CNPJ: 28.254.225/0001-93
Banco do Brasil: 001
Agência: 1458-3
Conta corrente: 9597-4

CHEQUE: envio de cheque nominal à Sociedade Brasileira de Zoologia para o endereço: Tesouraria SBZ, Caixa Postal 19020, 81531-980 Curitiba, PR.

Assembleias da SBZ - Editais de Convocação

A Sociedade Brasileira de Zoologia convoca seus associados, quites com a Tesouraria, a participarem das Assembleias a serem realizadas durante o XXX Congresso Brasileiro de Zoologia, conforme convocações a seguir.

A Presidente da Sociedade Brasileira de Zoologia, no uso de suas atribuições estatutárias, convoca os associados habilitados para a **Assembleia Geral Extraordinária**, a ser realizada durante a abertura solene do XXX Congresso Brasileiro de Zoologia (CBZ), **4 de fevereiro de 2014, terça-feira, às 18:00 horas**, nas instalações do XXX CBZ (Centro de Convenções da PUCRS) em Porto Alegre, Rio Grande do Sul com a seguinte Ordem do dia:

– Abertura solene do XXX Congresso Brasileiro de Zoologia;
– Palavra do Presidente do XXX Congresso Brasileiro de Zoologia;
– Palavra das autoridades presentes;
– Palavra do Presidente da Sociedade Brasileira de Zoologia;
– Homenagem aos Zoólogos que se distinguiram por serviços prestados à Zoologia;
– Entrega dos Prêmios "Rodolpho von Ihering", "Alexandre Rodrigues Ferreira", "Padre Jesus Santiago Moure de Taxonomia"; "Novaes Ramires: Dissertação ou Tese em Biologia da Conservação e; "Novaes Ramires: Destaque Individual em Conservação";
– Encerramento da Assembleia.

A Presidente da Sociedade Brasileira de Zoologia, no uso de suas atribuições estatutárias, convoca os associados habilitados para a **Assembleia Geral Ordinária**, a ser realizada no dia **6 de fevereiro de 2014, quinta-feira, às 19:15 horas** em primeira convocação e às 19:45 horas em segunda convocação, nas instalações do XXX CBZ (Centro de Convenções da PUCRS) em Porto Alegre, Rio Grande do Sul com a seguinte Ordem do dia:

– Abertura da Sessão;
– Relatório da Diretoria (março de 2012 a fevereiro de 2014) com parecer do Conselho;
– Homologação da nova Diretoria da Sociedade Brasileira de Zoologia e dos novos conselheiros: período de março de 2014 a fevereiro de 2016;
– Eleição e Homologação do Conselho Fiscal biênio 2014/2016;
– Assuntos diversos;
– Encerramento da Assembleia.

A Presidente da Sociedade Brasileira de Zoologia, no uso de suas atribuições estatutárias, convoca os associados habilitados para a **Assembleia Geral Extraordinária**, a ser realizada no dia **7 de fevereiro de 2014, sexta-feira, às 19:15 horas** em primeira convocação e às 19:45 horas em segunda convocação, nas instalações do XXX CBZ (Centro de Convenções da PUCRS) em Porto Alegre, Rio Grande do Sul com a seguinte Ordem do dia:

– Abertura solene da sessão de Encerramento do XXX CBZ;
– Discussão e apresentação de Moções;
– Posse da nova Diretoria;
– Posse dos novos membros do Conselho;
– Palavra do ex-Presidente;
– Palavra do novo Presidente;
– Palavra à disposição do Presidente do XXX CBZ e de autoridades presentes;
– Encerramento do XXX CBZ;
– Encerramento da Sessão.

A Conferência SciELO 15 Anos é um marco na história do SciELO

Os resultados da Conferência SciELO 15 Anos foram muito positivos e representam um marco na história do Programa SciELO. Por um lado, reafirmou-se amplamente a sua importância e, por outro, revelaram-se novos desafios e possibilidades para o seu avanço futuro.

Com uma média diária de mais de 400 participantes, a Conferência cumpriu o seu objetivo de analisar e debater o estado atual, tendências e inovações que caracterizam a dinâmica contemporânea da comunicação científica, com ênfase na consolidação do acesso aberto, na ampliação das metodologias e métricas de avaliação da influência das pesquisas e dos periódicos, nos produtos e serviços de editoração e publicação científica e o papel crítico que têm as políticas e programas públicos de apoio e avaliação da pesquisa comunicada pelos periódicos.

O programa da Conferência Internacional, que teve lugar nos dias 23 a 25 de outubro, foi cumprido integralmente, abrangendo 7 painéis e 59 conferências proferidas por pesquisadores e profissionais de comunicação científica da América Latina, Espanha, Portugal, África do Sul, América do Norte e Europa. A reunião da Rede SciELO que precedeu a conferência internacional abordou o estado de desenvolvimento da rede e definiu linhas comuns de ação para o aperfeiçoamento dos periódicos que indexa e publica com a proposta de ampliação da plataforma SciELO de editoração e publicação científica.

A importância do Programa SciELO para o avanço dos periódicos que indexa e publica emergiu como um dos consensos da conferência por sua contribuição ao desenvolvimento dos periódicos de qualidade publicados por instituições nacionais dos países da Rede SciELO. Ao mesmo tempo, revelou o surgimento de novos desafios e oportunidades em grande parte destacados nas palestras e que se somam aos presentes.

Entre as inúmeras constatações e contribuições que as palestras e debates da conferência aportaram para o desenvolvimento do SciELO e dos periódicos que indexa, destacamos as seguintes:

1) A remodelação das estruturas, funcionalidades, produtos e serviços de comunicação e compartilhamento de informação científica que ocorre principalmente nos países desenvolvidos requer a inserção e a participação ativa dos países em desenvolvimento e emergentes. Destaca-se, em primeiro lugar, o crescimento das plataformas de publicação continuada de artigos em acesso aberto, que representa um distanciamento do modelo clássico de publicação de periódicos estruturados por número sequenciais. Em segundo lugar, vê-se o uso intensivo das redes sociais para a divulgação científica, assim como para gestão e compartilhamento de informação pelos pesquisadores e por grupos de pesquisadores que acontece predominantemente nos países desenvolvidos. Em terceiro lugar, a ampliação das métricas de acompanhamento e avaliação da influência e impacto das pesquisas científicas que buscam ampliar os indicadores bibliométricos clássicos. Assim, mede-se a repercussão que artigos têm na Web, nos blogs e redes sociais, por meio de número de acessos e downloads, e referências no twitter, facebook e blogs conformando um novo conjunto de medidas alternativas conhecidas com altmétricas e webometricas. Em quarto lugar, a interoperabilidade dos conteúdos projeta-se como uma funcionalidade que deverá permear todas as instâncias, de indexação, publicação e disseminação.
2) O acesso aberto como modalidade de publicação dos periódicos da maioria dos países que participam da Rede SciELO é o ponto de partida e não de chegada nas políticas, projetos e ações para avançar a democratização da comunicação das pesquisas. Enquanto os países desenvolvidos publicam em acesso aberto menos de 15% dos seus periódicos indexados no WoS ou Scopus e buscam diferentes modelos para a transição ao acesso aberto, os países da Rede SciELO, principalmente na América Latina, publicam seus melhores periódicos em acesso aberto há anos e estão aperfeiçoando as infraestruturas de publicação e os modelos de financiamento;
3) O desenvolvimento dos periódicos publicados nos países em desenvolvimento e emergentes é diretamente influenciado pelo nível de apoio que recebem das políticas governamentais e institucionais de apoio à pesquisa, particularmente quando publicadas nos periódicos editados no país. Em muitos casos, tanto as políticas como os sistemas de avaliação dificultam, quando não, impõem barreiras ao desenvolvimento dos periódicos nacionais, particularmente quando tomam o fator de impacto como indicador principal para avaliar a produção científica dos pesquisadores e instituições. A conferência destacou em muitos aspectos a importância das pesquisas que são publicadas nos periódicos dos países em desenvolvimento e emergentes, que são de interesse nacional, regional e internacional, Daí a necessidade de aperfeiçoarem-se as políticas e programas nacionais de avaliação e apoio aos periódicos.
4) A ampliação da plataforma SciELO de indexação e publicação com serviços comuns disponibilizados para todos os periódicos de modo a abarcar todas as etapas de editoração, publicação, disseminação e interoperabilidade repre-

senta o esforço conjunto e cooperativo dos países da Rede SciELO, das instituições publicadoras e dos editores para acompanhar de modo efetivo a remodelação do fluxo de comunicação científica que ocorre internacionalmente. A plataforma visa dotar os periódicos com serviços e soluções de acordo com o estado da arte internacional e assim contribuir para ampliar e fortalecer a profissionalização, internacionalização e maior estabilidade financeira. Ao mesmo tempo em que fortalece a inserção no fluxo internacional de informação científica, a ampliação da plataforma SciELO visa fortalecer as identidades e prioridades dos periódicos publicados nacionalmente e das pesquisas que comunicam.

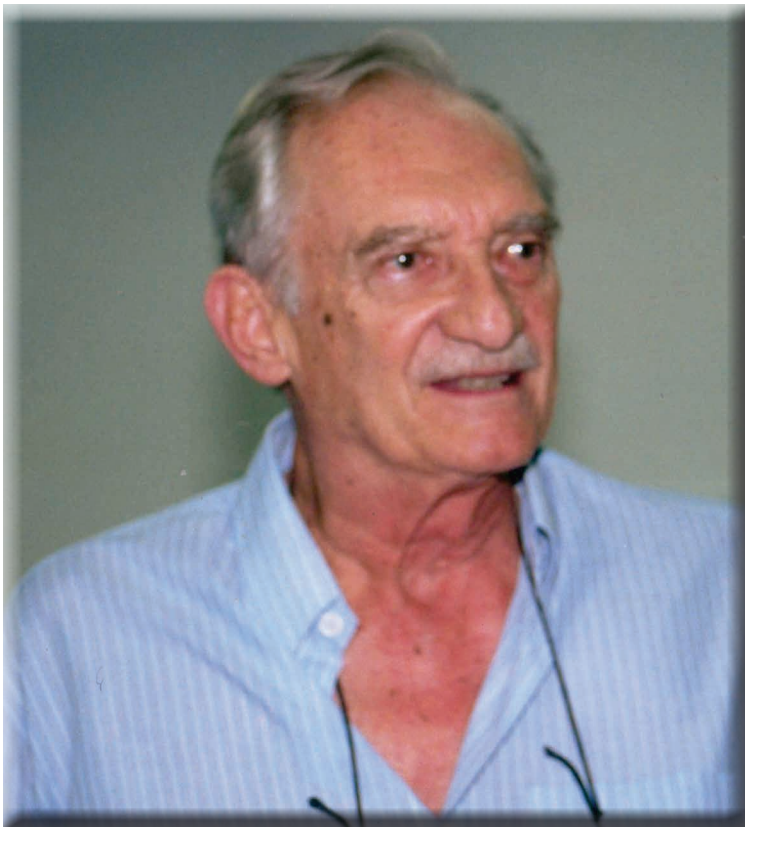
O programa da conferência abrigou também eventos importantes, como foi o lançamento do SciELO Citation Index operando no *Web of Science* da *Thomson Reuters*, o lançamento do livro "SciELO – 15 Anos de Acesso Aberto: um estudo analítico sobre Acesso Aberto e comunicação científica" (versão preliminar), o lançamento do blog SciELO Humanas em Perspectiva e o reconhecimento aos editores dos periódicos que participaram do projeto piloto que deu origem ao SciELO, assim como da equipe técnica e de coordenadores.

As contribuições da Conferência SciELO 15 Anos ao desenvolvimento do Programa SciELO foram muitas e sua adoção deverá ocorrer ao longo dos próximos meses e anos.

Fonte: **A Conferência SciELO 15 Anos é um marco na história do SciELO.** *SciELO em Perspectiva. [Acessado em 12/XII/2013]. Disponível online em: http://blog.scielo.org/blog/2013/11/05/a-conferencia-scielo-15-anos-e-um--marco-na-historia-do-scielo.*

VIDA DE ZOÓLOGO

O meu interesse pela Entomologia começou de forma curiosa. Estava, à noite, no apartamento 17 e cursava o segundo ano em 1952, de Agronomia na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Para minha surpresa veio, atraído pela luz, um besouro Cerambycidae, de antenas longas e com grandes flabelos. Capturei-o para mostrar ao Prof. Vanetti, mestre de Entomologia, para poder estudá-lo. Constatei que se tratava do *Psygmatacerus wagleri* por comparação com a coleção da UFV. A minha paixão pelos cerambicídeos começa aí.



Já formado, fui recomendado pelo Prof. Vanetti ao Dr. Eduardo Navajas do Instituto Biológico de São Paulo, que me aceitou para estágio onde fiquei por dois anos. Este estágio foi muito importante, pois trabalhavam na Entomologia do Instituto: José Pinto da Fonseca (especialista em Entomologia Econômica), Mário Autuori (especialista em saúvas e agraciado com honra ao mérito pelo Imperador do Japão), Renato Lion de Araújo (especialista em cupins e poliglota) e Eduardo Navajas (especialista em Elateridae e sábio em Entomologia geral).

Durante o período de estágio, que tive que interromper, fui agraciado com bolsa da Fundação Rockfeller para estudar no México, na "Oficina de Estudios Especiales" onde permaneci por quase um ano.

De regresso ao Brasil, meu pai adquirira uma fazenda em Itu, a Fazenda Pau d'Alho, que tive que abrir, pois a propriedade estava abandonada por mais de 50 anos. Foi trabalho muito duro, numa época muito difícil. Hoje tenho uma parte daquela área que foi denominada Fazenda Cuiabá.

Voltava ao estágio no Instituto às segundas e terças-feiras, quando viajava para Itu afim de cuidar da fazenda. Fui então recomendado, pelo Dr. Navajas, para estágio junto ao Dr. Frederico Lane do então Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo. Nesse Departamento, hoje Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, fui admitido em abril de 1959 e onde permaneço até hoje.

Em 1959, comecei a trabalhar com a tribo Ibidionini (Cerambycinae), mas sem estudar os tipos, era impossível esclarecê-la. Fui então, em 1960, para Paris no "Muséum National d'Histoire Naturelle" e para Londres no "Britsh Museum of Natural History", afim de estudar material-tipo de Ibidionini, mas aproveitei para examinar material de outras tribos.

Em 1965, fui contemplado com bolsa de pesquisador associado da "Gugenheim Foundation" junto à Universidade da Califórnia, campus de Berkeley, onde permaneci por quase um ano. Trabalhei nessa instituição com o Dr. E. G. Linsley e o Dr. John A. Chemsak. Aproveitei para fazer vigem a Washington, no "The Natural History Musem" onde fui recebido pelo Dr. George Vogt.

No inicio em 1967, comecei a publicação da primeira parte da "Monografia da Tribo Ibidionini" que terminou em 1971 com a parte VI. Esse trabalho foi publicado com 1508 páginas e 30 estampas coloridas. É preciso lembrar que naquele tempo não existiam computadores e cada palavra datilografada errada no manuscrito demandava a substituição da linha ou mesmo da página! O manuscrito tinha *ca.* 3000 páginas.

Iniciei minhas atividades na Sociedade Brasileira de Entomologia ocupando a primeira secretaria em 1961-63 e 1967-69. Com o colega e amigo, Hans Reichardt Filho, decidimos por em ordem a Revista Brasileira de Entomologia, então vivendo fase extremamente difícil. O trabalho era muito penoso. Recebido o manuscrito, era redatilografado por nós, levando em conta o número de palavras por linha com espaços para a compensação. Então o manuscrito era entregue para a gráfica que o compunha em folhas contínuas. Tínhamos que proceder a cortes manuais, com tesoura, nessas folhas, para diagramar as páginas e inserir figuras quando o artigo ia, finalmente, para a gráfica. Essa fase inicial foi superada quando começamos a receber recursos para a publicação da FAPESP, FINEP e CNPq.

Fui eleito presidente da Sociedade em 1976 cargo que ocupei por dez anos e conservei nesse período o posto de editor. Na Sociedade sucedeu-me Sergio Antonio Vanin, também por dez anos e como editor da RBE Carlos R. Vilela que ficou no cargo por cinco anos.

Em 1970, iniciei minhas disciplinas em cursos de pós-graduação ou especializações na Escola Superior de Agricultura, Piracicaba, USP, SP; Faculdade de Saúde Pública, US, SP; Instituto de Biociências, USP, SP; curso do CNPq Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB; curso do CNPq Universidade Federal de Juiz de Fora, MG; Universidade Federal de Lavras, MG; Universidade Federal de Viçosa, MG; Universidade Estadual Paulista, Campus de Rio Claro, SP; Universidade Estadual Paulista, Campus de Botucatu, SP; Instituto de Pesquisas da Amazônia, Manaus; Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR; Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, RS e atualmente no Museu de Zoologia, USP, SP.

Apresentei aula magna no curso de pós-graduação na Universidade Federal de Lavras, MG. Como conferencista convidado, fiz palestra no Congresso de Entomologia em Medellin, Colômbia; palestra especial na Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, RS.

Fui escolhido, em 1984, para integrar a "International Commission of Zoological Nomenclature", com sede em Londres, para julgar petições de zoólogos de todo mundo sobre problemas nomenclaturais. Essa tarefa foi muito árdua e durou até 2002; pois além de apreciar petições sobre Coleoptera, recebi petições para julgamento em todos os filos da zoologia. Como era impossível conhecer apropriadamente todos eles sempre me guiou utilizar o bom senso para votar.

Integrei o comitê de Zoologia do Conselho Nacional de Pesquisas de 1985 a 1988.

Desde 1959 realizei viagens de coleta, cujas principais foram: Serra do Caraça, Catas Altas, MG (5 viagens); Jataí, GO (3 viagens); Erebango, RS (estudo da broca da Erva Mate); Salesópolis (Estação Biológica de Boracéia) (3 viagens); Itu (Faz. Pau d'Alho) (11 viagens); Caraguatatuba, SP (1 viagem); Ilha dos Búzios, SP (2 viagens); Ilha da Vitória, SP (1 viagem); Buena Vista, Bolívia. Muitos fatos curiosos ocorreram nessas viagens.

A guisa de exemplo narro um episódio ocorrido numa dessas viagens no Cerrado de Jataí, GO. O seu Lazinho, técnico da Entomologia do MZUSP, e eu estávamos sob um frondoso jatobazeiro quando ele me avisou que uma cascavel estava a 40 centímetros da minha perna e pronta par dar o bote. Até que o Lazinho encontrasse um porrete, fiquei imóvel durante uns 15 minutos. Finalmente ele atingiu-a e eu pude pular para longe. Se por acaso a cascavel me picasse creio que não teria resistido, pois estávamos muito longe de tudo.

Dentre viagens de pesquisa e coleta saliento algumas: Universidad de Costa Rica, Museo de Insectos; Universidad Central de Venezuela, Maracay; Universidad Central de Colombia, Campus de Medellín; ORSTON, Guiana Francesa; Museu Paraense Emilio Goeldi, Belém; Instituto de Pesquisas da Amazônia, Manaus; Camacan, Bahia.

Tive 4 alunos de mestrado: Paulo dos Santos Terrra (USP); Alaíde Aparecida Fonseca Gessner (UNESP, Rio Claro); Edson Posidônio Teixeira (USP); Maria Dolores Cañedo dos Santos (USP) e 8 de Doutorado: Virginia Cañedo (USP); Eunice A. Bianchi Galati (USP); Paulo dos Santos Terrra (USP); Alaíde Aparecida Fonseca Gessner (UNESP, Rio Claro); Maria Helena M. Galileo (USP); Dilma Solange Napp (UFPR); Angélica Penteado Dias (USP). Duas dessas teses foram laureadas pela SBZ como melhor tese do ano: Maria Helena M. Galileo e Eunice A. Bianchi Galati; uma, Dilma Solange Napp, recebeu o "Premio Lacordaire" outorgado pela Coleopterists Society como melhor tese em Coleoptera naquele ano em todo mundo.

Participei de mais de 150 bancas de mestrado e de doutorado. Orientei mais de 30 alunos em estágios no Museu de Zoologia. Publiquei mais de 400 artigos em Cerambycidae. Não tive a curiosidade de contar quantas espécies descrevi, mas creio que ultrapassam 2.300. Essas descrições foram feitas individualmente ou com a colaboração de Miguel A. Monné (Museu Nacional), Renato C. Marinoni (UFPR), Maria Helena M. Galileo (Museu de Ciências Naturais), Dilma Solange Napp (UFPR) e Antonio Santos Silva (Museu de Zoologia).

Em 1997, iniciei a publicação, como organizador e autor, da série "**Cerambycidae sul-americanos"**, livros que abordam todos os aspectos conhecidos de cada uma das tribos: chaves para gêneros e espécies, redescrição ou descrição dos táxons, dimensões, tipos e localidade-tipo morfologia interna, problemas nomenclaturais, formas imaturas, biologia, plantas hospedeiras e distribuição geográfica. Até o momento foram publicados 12 volumes e três suplementos, um deles publicado

em Barcelona. Além desses 15 livros, publiquei com Maria Helena M. Galileo, outro livro sobre a fauna cerambycidológica do Parque Copesul com todas as 89 espécies ilustradas a cores.

Fui agraciado com premiações: Placa comemorativa pelos 50 anos da Sociedade Brasileira de Zoologia; Placa comemorativa pelos 50 anos da Sociedade Entomológica do Brasil; Placa pela apresentação de aula magna na Universidade Federal de Lavras; Diploma pelos 50 anos de contribuição à Agricultura brasileira; Diploma outorgado pela SBZ pela autoria do melhor livro publicado em 2012. Placa comemorativa do Museu de Zoologia quando completei 70 anos. Esta data foi marcada por homenagem emocionante, organizada por Carlos Roberto Brandão, Maria Helena M. Galileo e Sonia Casari. Estiveram presentes no Museu, ou discursaram, diversos zoólogos do país; os estrangeiros enviaram telegramas ou CDs sobre meu trabalho.

Sobre os Zoólogos e histórias curiosas a respeito, tenho anotações para o livro "Zoologia Pitoresca" um dos meus projetos. São inúmeras histórias, mas relato apenas uma. O Dr. Helio Camargo, ornitólogo do Museu de Zoologia, foi testar o armamento na estação de Boracéia. Acompanhava-o o "nho" João, caipira dos bons. Hélio pediu ao João que colocasse uma lâmpada num barranco distante para servir de alvo. Hélio atirou e uma nuvem de pó apareceu no barranco. Hélio atirou de novo e nova onda de pó surgiu. Após o terceiro tiro, elevou-se nova nuvem de pó. "Nho" João não se conteve, "Mas que lâmpida dura essa douto".

Acredito que dois foram os momentos importantes para desenvolvimento da Zoologia: 1) O CNPq promoveu cursos de Sistemática, em diversos locais, coordenados por Nelson Papavero, que resultaram numa melhoria grande no nível dos zoólogos. 2) A Sociedade Brasileira de Zoologia, sob a presidência do Dr. Renato C. Marinoni, convocou para algumas reuniões, zoólogos de destaque quando discutiu-se uma política geral para a Zoologia.

Minhas sugestões para os zoólogos que estão começando: trabalhar, trabalhar e trabalhar...

Ubirajara Ribeiro Martins de Souza
São Paulo, agosto de 2013

CONHECENDO NOSSA *ZOO*DIVERSIDADE

Amblyramphus holocericeus (Icteridae) – cardeal-do-banhado – adulto

Essa é uma das mais belas aves, das cerca de 80 espécies já registradas, que ocorrem no Parque da Represa Municipal de São José do Rio Preto, SP. Trata-se de um pássaro paludícola, que ocorre em taboais e juncais, geralmente em casais que ocupam grandes territórios. Normalmente são observados bicando fortemente as inflorescências de taboas (*Typha* sp.) e talos macios de outras plantas à procura de larvas de insetos e de outros artrópodes, além de alimentarem-se também de frutos.

Meu primeiro registro dessa ave foi à longa distância, pois estavam empoleiradas em uma árvore na margem oposta em que me encontrava, em dezembro de 2009. Mesmo utilizando uma teleobjetiva de 400 mm e câmera com fator de corte de 1,6x, tive que recortar a imagem para obter uma melhor visualização e registrá-la na minha página no site Wiki Aves: http://www.wikiaves.com.br/94704&t = u&u = 2212&p = 26.

Até aí, só tinha visto essa fantástica ave em imagens de livros e guias de identificação. Ao descobrir que apareciam no local, virou "questão de honra" conseguir um melhor registro. Isso só foi acontecer em maio de 2010, quando pude fotografá-las em menor distância e por um bom tempo, obtendo várias imagens interessantes além dessa, disponíveis no Wiki Aves (www.wikiaves.com.br).

Dessa forma, valeram os esforços nas manhãs e finais de tarde de muitos finais de semana sob o sol forte de São José do Rio Preto.

Reinaldo J.F. Feres
Dep. de Zoologia e Botânica, IBILCE-UNESP
São José do Rio Preto, SP

ARTIGO

Nova espécie de morcego da Mata Atlântica homenageia ex-presidente da SBZ e revela outra espécie do Cerrado que pode estar criticamente ameaçada

Ricardo Moratelli[1]

Os morcegos do gênero *Lonchophylla* (Phyllostomidae: Lonchophyllinae) compreendem espécies nectarívoras neotropicais de pequeno a médio porte (< 20 g). Em adaptação à nectarivoria, esses morcegos possuem o crânio e focinho bastante alongados e língua longa e extensível (algumas espécies nectarívoras são observadas adejando bebedouros de beija-flores). A maioria das espécies de Lonchophyllinae ocorre do Peru ao norte da América do Sul, ao longo dos Andes. Apenas três espécies – *L. bokermanni*, *L. dekeyseri* e *L. mordax* – distribuem-se ao longo da costa leste da América do Sul. Dentre essas, acreditava-se que *L. bokermanni* (descrita em 1978**,** em homenagem ao zoólogo Werner Carl August Bokermann) ocorria no Cerrado (sua localidade-tipo) e na Mata Atlântica do sudeste do Brasil. Entretanto, um recente trabalho sobre a variação geográfica de *L. bokermanni* revelou que as populações da Mata Atlântica possuem uma identidade distinta das populações do Cerrado, correspondendo a uma nova espécie, denominada pelos autores *Lonchophylla peracchii* Dias, Esbérard & Moratelli, 2013 (Figuras 1 e 2; Dias *et al.* 2013).

Figuras 1-2. 1) *Lonchophylla peracchii* da Mata Atlântica (Foto: M.R. Nogueira); 2) *L. bokermanni* do Cerrado (Foto: L. Geise). Publicado originalmente em Dias *et al.* (2013).

A homenagem. Essa nova espécie de morcego homenageia a eminente carreira do Dr. Adriano Lúcio Peracchi (Figura 3; veja Peracchi 2010); mastozoólogo, entomólogo, acarologista, sócio fundador (1978), honorário (2002) e ex-presidente da SBZ (1990-1992), sócio fundador da Sociedade Brasileira de Mastozoologia (1985) e sócio fundador (2006) e honorário (2013) da Sociedade Brasileira para o Estudo de Quirópteros. Desde 1960, o Dr. Adriano publicou mais de 90 artigos científicos, 33 capítulos de livro e nove livros sobre mastozoologia, entomologia e acarologia no Brasil; contribuindo ainda na formação de dezenas de zoólogos de, pelo menos, quatro diferentes gerações. Dentre seus trabalhos, destacam-se estudos sobre a taxonomia e história natural de coleópteros Cleridae e Cerophytidae e de ácaros Spelaeorhynchidae; os trabalhos pioneiros sobre a quiropterofauna dos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Amapá; os trabalhos sobre distribuição, comportamento, bionomia e história natural de diversas espécies de morcegos; as séries de livros sobre mamíferos, primatas e morcegos do Brasil e a recente descrição de um novo gênero e espécie de morcego nectarívoro – *Dryadonycteris capixaba* (Phyllostomidae: Glossophaginae). Além de suas publicações, o Dr. Adriano Peracchi criou e atua como curador de uma importante coleção de Chiroptera da América do Sul, depositada na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, instituição onde leciona desde 1962 e onde já ocupou os cargos de diretor do Instituto de Biologia (1977-1981), vice-reitor (1981-1985) e reitor (1985-1991).

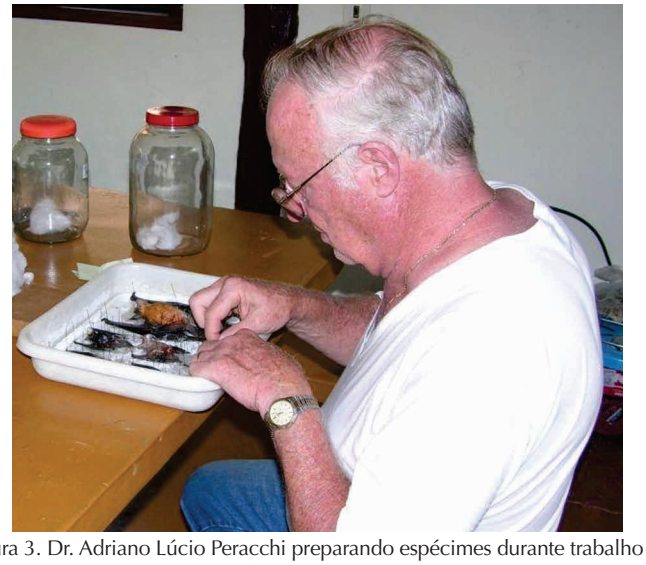


Figura 3. Dr. Adriano Lúcio Peracchi preparando espécimes durante trabalho de campo na Reserva Natural Vale, em Linhares, ES. Foto: I.P. de Lima.

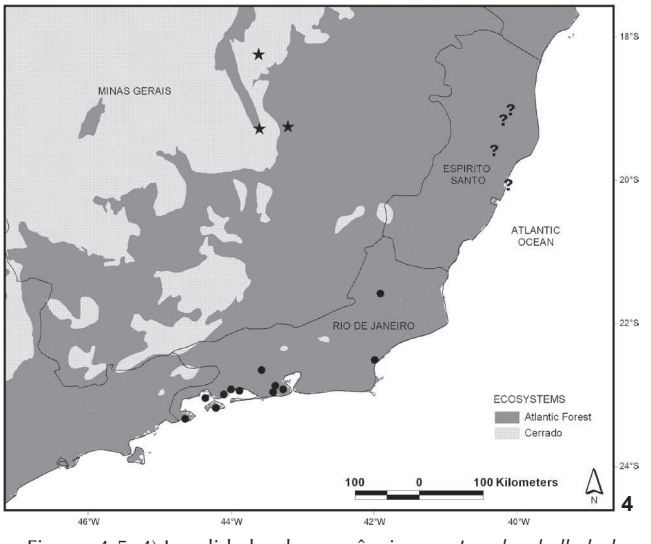
Mais de 40 anos depois de ter sido iniciado na quiropterologia pelos Drs Eugênio Izecksohn e Bernardo Villa Ramirez, Dr. Peracchi continua com sua imbatível paixão por morcegos, e seus atuais projetos envolvem estudos em coleções pelo Brasil e exterior, além de trabalhos de campo. Atualmente, coordena projeto com amostragens periódicas na Reserva Natural Vale, em Linhares, ES, onde participa de todas as atividades de campo.

Mais uma espécie de mamífero brasileiro ameaçada. A distribuição de *Lonchophylla peracchii* cobre 500 km de floresta atlântica, abrangendo diferentes habitats (ilhas continentais, florestas sazonais e perenes e formações pioneiras); e a área de distribuição dessa espécie pode duplicar ou mesmo triplicar após a reidentificação de alguns espécimes coletados mais ao norte. Por outro lado, após a identificação das populações da Mata Atlântica como *L. peracchii*, *L. bokermanni* passa a estar restrita a apenas três localidades bastante próximas (ca. 150 km) em uma área de transição entre Cerrado e Mata Atlântica e no Cerrado (Figuras 4 e 5; Dias et al. 2013, Nascimento et al. 2013); um bioma considerado *hotspot* de diversidade devido à alta concentração de espécies endêmicas e excepcional perda de habitat.

Após a descrição de *L. peracchii* há pouca informação disponível sobre a história natural de *L. bokermanni*. Sabemos apenas que essa espécie ocorre em duas localidades do Cerrado, forrageia em áreas abertas, alimenta-se de pólen, néctar e insetos, e poliniza duas plantas, *Encholirium subsecundum* (uma bromeliácea saxícola terrestre) e *Bauhinia rufa* (uma leguminosa arbustiva). Além disso, em um estudo de cinco dias conduzido em 1987, *L. bokermanni* foi a única espécie de morcego nectarívoro que se alimentou em flores de *E. subsecundum* (Sazima *et al.* 1989). Essa bromeliácea, que é endêmica de uma pequena área do Cerrado de Minas Gerais, ocorre em formações rochosas entre 550 e 1400 m de altitude (Versieux & Wendt 2006), enquanto *B. rufa* ocorre em savanas e florestas secas (Lopez-Poveda 2012).

Devido à elevada perda de habitat no Cerrado, o futuro de *L. bokermanni* é incerto e mais pesquisas são necessárias para tentarmos entender um pouco melhor a distribuição e história natural dessa espécie. Os próximos passos incluem modelagens de distribuição (usando *L. bokermanni* e *E. subsecundum*) para tentar identificar áreas potenciais para a ocorrência de *L. bokermanni*, seguidas de pesquisas de campo para buscar alguma informação adicional sobre hábitat, abrigos e itens alimentares consumidos por esse morcego. Em seguida, precisamos investigar a variabilidade genética, abundância, tamanho de área de vida e requerimentos biológicos dessa espécie. Para isso, precisaremos de uma equipe multidisciplinar trabalhando em análises moleculares, modelagens de nicho e revisão de espécimes em coleções. Se pesquisas adicionais confirmarem *L. bokermanni* como polinizador específico (ou como um dos principais polinizadores) de *E. subsecundum*, essa bromeliácea endêmica também pode estar ameaçada; nesse caso, ambas as espécies (o morcego e a bromeliácea) merecerão a atenção de conservacionistas.

Lonchophylla peracchii é a quinta espécie de morcego descrita por Ricardo Moratelli e a terceira descrita por Daniela Dias, ambos da Fundação Oswaldo Cruz e lideres desse estudo. Outras espécies já descritas por esse time incluem *Myotis diminutus* Moratelli & Wilson, 2011 do Equador (criticamente ameaçada ou provavelmente extinta) e *Myotis lavali* Moratelli, Peracchi, Dias & Oliveira, 2011 do Brasil e Paraguai (depositada em museus por mais de 100 anos até ser formalmente reconhecida como uma espécie distinta).



Figuras 4-5. 4) Localidades de ocorrência para *Lonchophylla bokermanni* (estrela), *L. peracchii* (círculo) e espécimes cuja identificação ainda está pendente (interrogação), mas que podem ampliar a distribuição de *L. peracchii*. Modificado de Dias *et al.* (2013). 5) Habitat de *Lonchophylla bokermanni* (Diamantina, Minas Gerais. Foto: L. Geise.

Leitura recomendada:

Dias, D.; C.L.E. Esbérard & R. Moratelli. 2013. A new species of *Lonchophylla* from the Atlantic Forest of southeastern Brazil, with comments on *L. bokermanni*. **Zootaxa 3722** (3): 347-360.

Lopez-Poveda, L. 2012. *Bauhinia rufa*. *In*: **IUCN Red List of Threatened Species 2013.**

Peracchi, A.L. 2010. Memorial de um quiropterólogo. **Chiroptera Neotropical 16**(1): 497-503.

Nascimento, M.C.; L.H. Dias; R. Gregorin & G. Lessa. 2013. Rediscovery of *Lonchophylla bokermanni* Sazima, Vizotto and Taddei, 1978 (Chiroptera: Phyllostomidae: Lonchophyllinae) in Minas Gerais, and new records for Espírito Santo,

southeastern Brazil. **Check List 9** (5): 1046-1049.
Sazima, I.; S. Vogel & M. Sazima. 1989. Bat pollitation of *Encholirium glaziovii*, a terrestrial bromeliad. **Plant Systematics and Evoution 168**: 167-179.
Versieux, L.M. & T. Wendt. 2006. Checklist of Bromeliacea of Minas Gerais, Brazil, with notes on taxonomy and endemism. **Selbyana 27**: 107-146.

[1] Sobre o autor:

Ricardo Moratelli é graduado em Ciências Biológicas (2000, UFRRJ), com mestrado (2003, UFRRJ) e doutorado em Zoologia (2008, MN/UFRJ). Desde 2012 desenvolve estágio pós-doutoral no National Museum of Natural History (Smithsonian Institution, EUA). Sua área de atuação é mastozoologia, e suas pesquisas concentram-se na sistemática, ecologia e biogeografia de morcegos neotropicais. Desde 2006, é pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz, onde criou e coordena a Rede de Pesquisas em Biodiversidade do Campus Fiocruz da Mata Atlântica. É também membro do Taxonomic Working Group, Bat Specialist Group, IUCN.

As garças-vaqueiras no dormitório

José Antonio Dias[1]

As aves são animais reconhecidos principalmente por sua atividade. Durante o dia ficamos admirados com a revoada incessante dos pássaros, seus cantos, saltos e busca por alimentos e materiais para a construção de ninhos. Contudo, chega uma determinada hora do dia em que eles precisam descansar. Começa então a procura pelos locais de dormida, os chamados dormitórios. Durante três meses acompanhamos a dinâmica e o comportamento de uma espécie de garça em um dormitório estabelecido em área urbana do município do Rio de Janeiro. A espécie em questão é a garça-vaqueira, cujo nome científico é *Bubulcus ibis*.

A garça-vaqueira é uma espécie de ardeídeo que imigrou do Velho Mundo e chegou às Américas pelos fins do século XIX. Atualmente encontra-se em expansão por todo o hemisfério ocidental. No Brasil, foi registrada pela primeira vez em 1964 na Ilha de Marajó, onde já existia ao menos desde 1962, proveniente das Guianas. Nos dias de hoje, a garça-vaqueira está distribuída por todo o território nacional e pode ser vista forrageando junto ao gado, cavalos e búfalos, daí seu nome popular. À medida que os rebanhos se locomovem no pasto, tornam visíveis os insetos e outros invertebrados que se encontram ali escondidos, facilitando a localização e a captura pela ave. Dificilmente se vê hoje em dia reses pastando sem estar acompanhadas por estas garças.

Embora estas garças sejam muito comuns em quase todas as regiões do país, do ponto de vista científico, alguns aspectos de sua biologia no território brasileiro ainda não estão esclarecidos, principalmente a biologia reprodutiva. Um outro aspecto ainda pouco estudado se refere à sua dispersão em certas áreas do sudeste como o Rio de Janeiro. Com este objetivo é que nosso pequeno grupo de pesquisadores da Seção de Ornitologia do Departamento de Biologia Animal da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) vem se dedicando há mais de 15 anos ao estudo desta espécie de garça.

Com o propósito de registrar e caracterizar hábitos e padrões comportamentais, acompanhamos durante os meses de maio a agosto a dinâmica de um bando constituído por cerca de aproximadamente 30 garças em um dormitório estabelecido numa figueira localizada dentro de uma área residencial na zona oeste do Rio de Janeiro. Para confrontar os dados coletados a partir de observações semanais realizadas nas proximidades do dormitório em questão, repetimos os mesmos procedimentos no ano seguinte por igual período de tempo. Verificamos também que muitos dos hábitos e comportamentos registrados nos grandes dormitórios da Colômbia, Guianas, Suriname e Porto Rico podem ser presenciados em formações menores, ou seja, as aves exibem comportamentos padronizados independentes do tamanho do dormitório.

Pelas nossas observações, ficou esclarecido que as garças-vaqueiras estabelecem dormitórios segundo um critério próprio, mas quando em área residencial procuram locais de acesso difícil. Pelas oscilações verificadas nestes sítios de pernoite foi possível avaliar o ritmo com que as referidas aves se dispersavam, bem como os meses em que elas retornavam das áreas de reprodução. Normalmente, aves se dirigiam ao dormitório sempre após as 17:00 h. Mesmo aqueles indivíduos que chegavam antes ao local, pousavam nas imediações ou ficavam descrevendo voos circulares em torno da localidade à espera da chegada dos demais. As garças costumavam chegar isoladas ao local de pouso, mas às vezes vinham em bandos compostos por 10 indivíduos, sendo mais frequente o padrão 4-3-3, associado a uma formação em "V". Estes grupos se fragmentavam totalmente com a chegada ao dormitório. Algumas garças pousavam diretamente nas árvores após exibirem uma revoada em torno do local de pouso; outras pousavam nos arredores e somente se dirigiam ao dormitório quando anoitecia.

Todas as aves procediam sempre da mesma direção, ou seja, deslocavam-se todos os dias do oeste para leste. Nas proximidades do local de pousada, voavam cada vez mais baixo, passando rente aos telhados das residências. Estabeleciam-se definitivamente no posto de dormida às 18 h ou no momento em que começava a escurecer, de modo que nenhuma garça chegava ou deixava o dormitório após ter escurecido totalmente.

Uma vez estabelecidas em seus postos de dormida, as garças, em sua grande maioria, adotavam a posição característica da ave quando empoleirada, isto é, curvada, lembrando um corcunda (posição conhecida como "hunched" pelos pes-

quisadores ingleses). Frequentemente era possível evidenciar alguns movimentos distintos como o abrir e fechar de asas, esticar de pescoço, arrufar de penas da cabeça ou gestos de arrumação da plumagem. Outras vezes, se notavam deslocamentos sutis de uma ou outra ave por debaixo da folhagem, talvez buscando melhor acomodação. Percebiam-se ainda alguns rumores semelhantes a grasnidos, correspondendo provavelmente às vocalizações típicas dos indivíduos quando reunidos.

Todas as aves observadas neste local exibiam plumagem inteiramente branca, bico amarelo e tarsos negros, características dos indivíduos subadultos da espécie. Durante todo o período observado não presenciamos nenhum indivíduo com vestígios de plumagem nupcial frequentando o dormitório. Sabemos que com a proximidade do período reprodutivo, as garças-vaqueiras vão adquirindo gradativamente uma coloração ferruginosa no alto da cabeça, no peito e nas costas, acompanhado de uma mudança da coloração do bico e das pernas para um tom fortemente avermelhado. À medida que os indivíduos adquirem a plumagem nupcial, a população de garças vai diminuindo, diminuindo até que os dormitórios ficam praticamente vazios durante a estação reprodutiva.

Os locais preferidos para nidificação são as vegetações marginais dos grandes cursos de água, áreas inundáveis ou com outras espécies de garças nos manguezais. Provavelmente, ao deixarem de frequentar o dormitório em questão, os indivíduos que vão reproduzir se encaminham para estas áreas mencionadas, permanecendo no local somente os indivíduos imaturos.

A presença de representantes de *Bubulcus* nesta região somente entre os meses de maio e agosto nos levou a formular a hipótese de que estes indivíduos estão se dispersando e que viram nesta localidade um ponto de parada seguro antes de se dirigirem aos sítios de reprodução. O período reprodutivo das garças-vaqueiras é variável. Nas Guianas foi observado entre abril e agosto e entre novembro e dezembro, existindo, portanto, duas estações reprodutivas durante o ano neste país, acompanhando o regime das chuvas. No Brasil, mais precisamente no Estado da Paraíba, a garça-vaqueira reproduz em colônias mistas ou homogêneas (os chamados ninhais ou garçais), em diferentes períodos do ano, com duração variável.

Nos últimos anos, o número de acidentes aéreos causados por aves que vivem ou procuram por alimentos junto à pista de aeroportos tem crescido assustadoramente. Dentre as aves que estão nesta categoria estão as garças-vaqueiras, os quero-queros, os urubus e gaviões de diversas espécies. A entrada de uma dessas aves nas turbinas ou a colisão com a cabine de comando das aeronaves constituem os principais riscos à navegação aérea. Em face a esses problemas, o CEMAVE/IBAMA elaborou o Plano de Ação Emergencial para Controle do Perigo Aviário (PAE) que prevê atividades relacionadas ao monitoramento e controle das espécies que constituem risco ao tráfego aéreo em diversas partes do Brasil.

Leitura recomendada:

Hanckock, J. & H. Elliot. 1978. **Herons of the world.** New York, Harper Collins.

Borrero, J.I.H. 1972. História natural de la garza del ganado, *Bubulcus ibis*, em Colombia. **Cespedesia 1**: 387-479.

Sick, H. 1997. **Ornitologia Brasileira.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

Dias, J.A. 2011. Aves que derrubam aviões (2). **Biorritmo.** Disponível online: http://profjabiorritmo.blogspot.com.br/2011/06/aves-que-derrubam-avioes-2.html

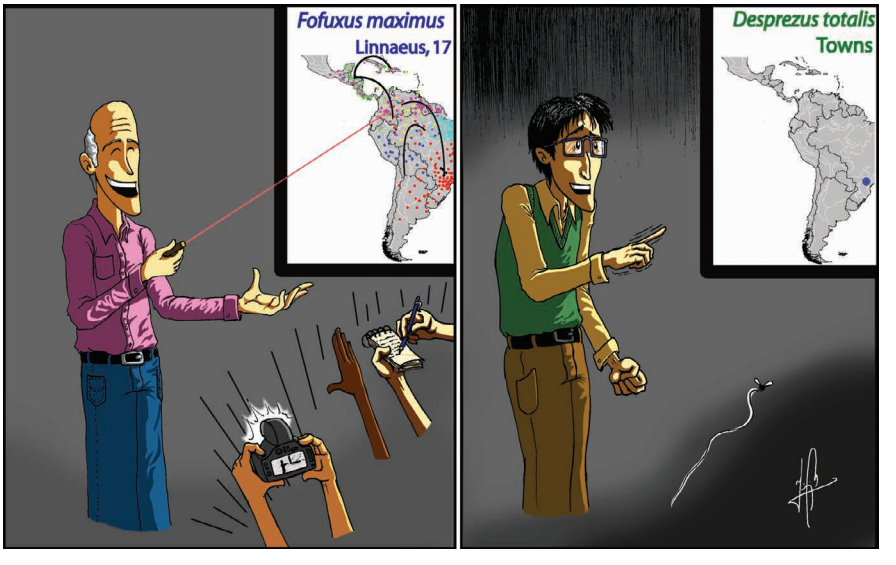
[1] Sobre o Autor:

José Antonio Dias é professor e biólogo formado pela UFRRJ, com experiência de mais de 20 anos no magistério; ex-docente da área de saúde do SENAC-Rio; Professor da Fundação de Amparo à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro. Desde abril de 2009 publica matérias de divulgação científica no blog Biorritmo, página de sua autoria. É autor do livro "A Genética e a Ancestralidade do Brasileiro" (E-pub., Saraiva, 2013).

ARTE ZOOLÓGICA

Mapeando a biodiversidade!

Faz parte da vida do zoólogo, principalmente dos que trabalham com invertebrados, se deparar com a enorme falta de informações e dados sobre seu grupo de estudo. E isso começa logo no registro de distribuição do táxon em questão. Essa piada sobre animais, 'fofos' ou não, já é bem batida, mas nos faz lembrar que qualquer táxon tem potencial para ser um ótimo objeto de estudo. O que diferencia um do outro é há quanto tempo ele tem sido estudado.



Filipe Macedo Gudin
www.wix.com/filipegudin/portifolio

DIVULGAÇÃO

Atlas de anatomia no formato e-book auxilia estudantes

O Laboratório de Anatomia Comparativa de Vertebrados (LACV, CFS, IB, UnB), lançou o livro digital *Atlas fotográfico de anatomia comparativa de vertebrados*, volume 1 – Sistemas Cardiovascular e Respiratório.

O volume do Atlas ora lançado, reúne cerca de 350 imagens e links para vídeos digitais de estruturas anatômicas de diversas espécies de vertebrados, produzidas ao longo de duas décadas de trabalho junto ao Laboratório de Anatomia Comparativa de Vertebrados da Universidade de Brasília.

As imagens são apresentadas com razoável nível de detalhes e com o necessário cuidado estético, possibilitando a visualização de estruturas anatômicas íntegras, com fidelidade de coloração, forma, textura e relações anatômicas, mesmo em espécimes tão pequenos quanto um *Brachycephalus ephippium*, um anfíbio com cerca de 12 mm de comprimento. Elas foram produzidas por meio de preparações a fresco e técnicas de microdissecação, segundo metodologia desenvolvida por Sebben (2007). Algumas imagens permitem a visualização de estruturas que normalmente só são evidenciáveis por meio de técnicas como microscopia eletrônica de varredura.

A abordagem por sistema orgânico tem por objetivo possibilitar a comparação direta de estruturas e órgãos que compõem o organismo dos vertebrados. No presente volume, apresentamos aspectos da Anatomia Comparativa dos Sistemas Cardiovascular e Respiratório de vertebrados gnatostomados (mandibulados).

Produzido em formato digital, o e-book está disponível para acesso livre e gratuito na página do Laboratório de Anatomia Comparativa de Vertebrados (www.lacv.unb.br). Sua produção tem por objetivos: 1) tornar acessíveis aos estudantes dos cursos presenciais e a distância os recursos didáticos produzidos no LACV; 2) reformular o ensino de anatomia animal, com a utilização de tecnologia multimídia; 3) possibilitar a redução do uso de animais em aulas práticas, com ganho de qualidade.

Antonio Sebben
LACV, Dep. Ciências Fisiológicas, IB, UnB

ENSINO & PESQUISA

Dissertações e Teses defendidas em Programas de Pós-Graduação em Zoologia

Filtros ambientais determinam a estrutura das comunidades de aves em ambientes urbanos

Autor: André Lucas de O. Moreira
Orientador: Caio Graco Machado
Instituição: Programa de Pós-Graduação em Zoologia (UEFS)
Defesa: 31 de janeiro de 2013

A urbanização é um processo responsável por distúrbios ambientais que ocorrem em vários níveis, resultando em alterações dos padrões de biodiversidade. Contudo, pouco se sabe

Myiozetetes similis - Bem-te-vizinho. Foto: André L.O. Moreira

sobre a resiliência, diversidade funcional e o processo ecológico que estrutura as comunidades de aves em ambientes urbanos. O presente estudo teve como objetivo investigar a riqueza de espécies, a diversidade funcional, a resiliência e o processo ecológico que determina a montagem das comunidades e definem os padrões de diversidade de seis comunidades de aves em ambiente urbano. Este estudo foi desenvolvido em seis áreas verdes com tamanhos diferentes e inseridas na matriz urbana do município de Aracaju, Sergipe, no nordeste do Brasil. Foram observadas, no total, 82 espécies de aves, distribuídas em 36 famílias. A riqueza de espécies de aves aumentou em função do aumento do tamanho das áreas arborizadas. O aumento da densidade arbórea também esteve associado ao aumento da riqueza de espécies de aves. Entretanto, a riqueza funcional diminuiu em função do aumento da riqueza de espécies. Esses resultados demonstram que as comunidades de aves mais ricas possuem espécies com funções semelhantes, ou seja, são funcionalmente redundantes. Porém, são mais resilientes a distúrbios ambientais. Também é possível que a homogeneização das comunidades de aves em ambientes urbanos ocorra através do processo de filtragem de hábitat, que deve estruturar essas comunidades em escala local. Portanto, em ambientes urbanos os filtros ambientais devem favorecer a ocorrência de espécies com determinadas características funcionais e limitar a ocorrência de espécies com características distintas favorecendo a perda de serviços ecológicos.

EXPEDIENTE

Boletim Informativo. Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Zoologia | Publicação Trimestral | ISSN 1808-0812
Editores desta edição: Rosana M. da Rocha e Sionei R. Bonatto
Design e composição: Sionei R. Bonatto
Tiragem: 700 exemplares
Boletim online: a versão eletrônica deste Boletim está disponível em www.sbzoologia.org.br.
Créditos: As fotos da primeira página deste boletim são de autoria de: Daniel de Paula, Gleomar Fabiano Maschio, Jéssica Kloh, Maria Aparecida Sert, Yuri Fanchini Messas.

Sociedade Brasileira de Zoologia
CNPJ 28.254.225/0001-93
Universidade Federal do Paraná, Departamento de Zoologia
Caixa Postal 19020, 81531-980 Curitiba, PR
E-mail: sbz@sbzoologia.org.br
Web: www.sbzoologia.org.br